

Rotular um aluno de incapaz é uma maneira de aceitar o fracasso escolar e, pior, de responsabilizar a criança por ele. A educadora e diretora executiva da ONG Laboratório de Educação afirma que todos podem aprender, desde que os professores sejam bem formados para usar diversas estratégias de ensino e tenham apoio pedagógico de outros educadores, do diretor da escola aos técnicos da Secretaria de Educação

# O desafio do fracasso

BEATRIZ CARDOSO | LABORATÓRIO DA EDUCAÇÃO

De tempos em tempos, alguma visão do senso comum, carregada de preconceito, invade a escola e impacta negativamente o potencial de desenvolvimento de muitos alunos. A ideia de que existem crianças que não aprendem é uma dessas que fazem – e continuam a fazer – estragos.

Não se trata de negar a existência de estudantes que tenham dificuldades específicas. Eles existem e é possível identificá-los. No entanto, sabemos que todos – inclusive esses – podem aprender se for considerado o ponto do qual cada um inicia a aprendizagem ou dá continuidade a ela. Ser capaz de fazer com que todos avancem é a grande beleza e o maior desafio de um sistema educacional.

O “efeito Mateus” no processo educacional foi apontado pelo psicólogo e pesquisador da Universidade de Toronto Keith Stanovich. Ele fez uma analogia do que costuma acontecer dentro da sala de aula citando a seguinte passagem bíblica: “A todo aquele que tem, será dado mais, e terá em abundância. Mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado” (Mateus 25, 28-29). Na escola, porém, deve acontecer exatamente o contrário: os alunos com menos facilidade de aprender e com necessidades especiais de aprendizagem é que devem receber o “mais”: professores mais capacitados, que tenham na sua bagagem mais recursos pedagógicos para ensinar e fazer com que eles avancem.





Nota-se, especialmente nos casos dos que precisam de mais ajuda para continuar avançando, que há uma visão assistencialista da educação. A frase que motivou este artigo traz, como pano de fundo, uma condescendência com o fracasso e, em certa medida, a responsabilização das crianças pela não aprendizagem. Com isso, o ato de ensinar acaba sendo associado a uma boa ação por parte do professor e a gestos de amor quando, na verdade, ensinar é uma tarefa sofisticada, que exige competência, profissionalismo, *know-how* e metodologias capazes de fazer frente a tal complexidade.

Os sistemas somente abrirão espaço para que todos tenham oportunidade de aprender – e, assim, atingirão a equidade – se investirem na qualificação dos profissionais da educação. As crianças brasileiras hoje têm acesso a livros, escolas estruturadas, mídias

variadas etc. No entanto, as práticas estabelecidas não atingem a todos com a mesma eficiência. E é aí que se configuram a marginalização e a manutenção de uma parcela significativa da população, que fica privada do acesso ao conhecimento. Preencher essa lacuna implica uma real valorização do fazer pedagógico.

Para construir caminhos mais inclusivos e democráticos, é preciso que os professores estudem o processo de desenvolvimento e aquisição de conhecimento das crianças nas diversas faixas etárias, aprofundem-se no saber relativo aos conteúdos de ensino e tenham um repertório de estratégias de ensino, que devem estar previstas no planejamento das aulas para serem usadas de acordo com as necessidades dos alunos. Ao nos depararmos com uma criança que demonstra alguma dificuldade, a primeira atitude a ser

tomada é identificar os conhecimentos prévios de que ela dispõe sobre determinado conteúdo ou as interações que ela teve oportunidade de experimentar no contexto extraescolar. Como é possível perceber, o segredo do sucesso vai além de dar acesso e bens materiais. Ele está na maneira como o saber da criança (seja ele qual for) é incorporado ao processo de ensino, criando condições para que ela se desenvolva cognitivamente.

É bom ressaltar que o professor é um protagonista importantíssimo na responsabilidade de gerar aprendizagem na ponta, mas ele não pode estar sozinho. Alcançar essa meta é missão de todo um sistema, que deve contar com profissionais das mais diversas especialidades para darem suporte ao docente. Isso significa que exigên-

cias de toda ordem são fundamentais, desde a qualificação dos quadros universitários que formam os educadores e o fomento à pesquisa aplicada até a formulação de políticas para que as equipes técnicas das secretarias de Educação, diretores e coordenadores pedagógicos também estejam preparados para criar as condições ideais para que a aprendizagem se concretize.

Enquanto isso não acontecer, ficaremos ofuscados por histórias isoladas de superação. Continuaremos nos satisfazendo com a narrativa de alguns poucos exemplos de sucesso, de êxitos isolados devidos, geralmente, ao esforço individual de um docente, de um gestor ou de uma comunidade escolar. Tudo isso é bonito, digno e importante, mas tem de ocupar um lugar lateral na qualificação de redes de ensino.







## É preciso que os professores estudem o processo de aquisição de conhecimento das crianças e tenham um repertório de estratégias de ensino de acordo com suas necessidades

O caminho principal envolve o entendimento da educação como área prioritária no cenário nacional e, com base nessa constatação, a criação de estratégias sólidas de investimento e desenvolvimento. Migrar de uma perspectiva intervencionista, com foco em projetos preocupados em atingir um número maior de beneficiários em territórios delimitados, para a criação de iniciativas de desenvolvimento e fomento à produção de conhecimentos, à pesquisa e ao desenvolvimento de tecnologias educacionais que colaborem com a qualidade do processo de aprendizagem nas salas de aula.

Temos de entender os investimentos em educação – seja nos profissionais, na infraestrutura ou nas pesquisas – darão resultados sempre a longo prazo. O Brasil já fez isso em diferentes áreas e, nitidamente, décadas depois de ter apostado em ações intencionais de priorização no uso dos recursos, assistimos ao desenvolvimento da tecnologia e ao aparecimento de soluções no campo dos combustíveis, da produção de medicamentos, da agricultura etc. Na educação, ainda estamos inseridos em uma cultura que, de tempos em tempos, promove o surgimento de soluções mágicas com a pretensão de resolver problemas específicos de um campo complexo em um curto período.

Como há muitos anos já disse o cantor e compositor baiano Caetano Veloso na música *Haiti*, precisamos evitar a pressa e a tentação de definir atalhos que possam colocar em risco conquistas maiores:

*... E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado  
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer, qualquer  
Plano de educação que pareça fácil  
Que pareça fácil e rápido  
E vá representar uma ameaça de democratização  
Do ensino de primeiro grau...*

O conhecimento e a informação são ferramentas transformadoras que possibilitam ao indivíduo ter mais autonomia para escolher como participar da sociedade e do mundo do trabalho. Uma educação pública de qualidade não só amplia as possibilidades de atuação de cada indivíduo como constitui a base da construção de uma sociedade mais competente e justa, seja na oferta mais democrática de oportunidades, seja na qualidade da interação entre seus cidadãos e deles com o poder público. Garantir a todos o direito de aprender é, portanto, assegurar a liberdade de fazer escolhas. Para isso, a aprendizagem dos alunos tem de ser a fonte de sentido das políticas educacionais e das ações de todos os profissionais envolvidos nos sistemas de ensino. A preocupação de qualquer iniciativa em educação deve ser criar condições para que cada criança, cada jovem e cada pessoa aprendam na escola e continuem aprendendo ao longo da vida.

**BEATRIZ CARDOSO** é doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, diretora executiva do Laboratório de Educação ([labedu.org.br](http://labedu.org.br)) e participou do programa Advanced Leadership Initiative, da Universidade Harvard (EUA), em 2013.

### PERFIL DO PROFESSOR BRASILEIRO

**71%**

mulher

**39 anos**

média

**14 anos**

de experiência no magistério

**25 horas**

por semana na escola  
(média mundial: 19 h/sem)

**86,9%**

estão satisfeitos com o trabalho

**13,5%**

se dizem arrependidos

Fonte: Talis, OCDE/MEC, Inep